

SILVEIRA, Marco Antônio. *O Universo Indistinto: Estado e sociedade nas Minas setecentistas (1735-1808)*. São Paulo: Ed. Hucitec, 1997, 203 p., Estudos Históricos, 32.

*Ramir Curado**

A história cultural, apesar da pluralidade metodológica dos seus seguidores, apresenta algumas características comuns presentes nas obras dos historiadores que a adotam. Entre elas merecem destaque a afirmação do caráter científico da história, que expressa-se na dedicação a uma rigorosa pesquisa documental; a conexão entre a micro-história e a sociedade global; a aproximação com a antropologia; a valorização do cotidiano, do papel das classes e dos conflitos sociais; o estudo dos diversos tipos de mentalidades e expressões culturais de uma sociedade, principalmente as de caráter popular.

No Brasil, a história cultural possui boas expressões entre as quais destaca-se Marco Antônio Silveira. Nascido em São Paulo em 1967, ele é formado em História pela USP onde também cursou o mestrado, cuja dissertação foi transformada no livro objeto desta resenha. Atualmente está elaborando sua tese de doutorado que também versará sobre as minas setecentistas. Sua obra dialoga com alguns grandes nomes da historiografia cultural contemporânea dos EUA e da Europa, entre eles Roger Chartier, Carlo Ginzburg e E. P. Thompson.

A partir do cruzamento entre sociologia histórica, antropologia, história cultural e documentação manuscrita inédita, o autor trata de vários temas tais como as contradições vividas pelos mineiros; a busca

* Mestrando do Programa de Mestrado em História das Sociedades Agrárias da Universidade Federal de Goiás.

pela distinção; as éticas conflitantes; a importância de certas atividades urbanas; a instabilidade sócio-econômica; a autonomia dos escravos, suas ligações com o mercado e com os valores patrimonialistas; objetivando principalmente estudar a cultura mineira setecentista em suas diversificadas manifestações.

Se compararmos “O universo do indistinto” com a outra obra histórica deste paulista denominada “Os arraiais e as vilas nas Minas Gerais: o cotidiano das vilas no mundo do ouro” publicada em 1996 pela *Editora Atual* de São Paulo, veremos a presença de todas as temáticas que relacionamos no parágrafo anterior, diferenciando apenas no grau de aprofundamento das abordagens feitas, na inserção de assuntos ausentes da segunda obra desse autor e no grande volume de gravuras que servem para visualizar certas questões. Isto ocorre porque essa primeira obra de Marco Antônio tem um caráter didático, sendo por isto bem mais resumida, simplificada e diversificada em termos de conteúdo e muito mais ilustrada que a segunda. *Os arraiais e as vilas nas Minas Gerais* possui até um encarte no qual ele propõe uma série de indagações aos estudantes que vão utilizá-la na escola, numa tentativa de fazê-los compreender melhor o seu conteúdo e correlacioná-lo com a realidade atual que os envolve.

Além do prefácio, introdução e conclusão o livro *O Universo do Indistinto* está dividido em três partes, sendo que a primeira com três capítulos e as outras duas com dois.

O prefácio da historiadora Laura de Mello e Souza ressalta a relevância dos estudos sobre Minas Gerais no período abordado por Marco Antônio, dadas as peculiaridades históricas e a importância desta região na época; o valor das fontes teórico-metodológicas, bibliográficas e primárias trabalhadas por esse historiador e a forma hábil e competente com que as utiliza, gerando a seu ver um estudo de ótima qualidade inclusive no que refere-se à contextualização e individualização do seu objeto principal.

Na introdução o autor faz uma discussão sobre o universo simbólico e valorativo das sociedades com os grandes teóricos da história cultural, aplicando as conclusões tiradas deste diálogo na análise da sociedade mineira proposta nesta obra. Também explicita a metodologia por ele aplicada neste estudo, os critérios usados na seleção das fontes e as razões do recorte temporal utilizado.

Procura também descobrir as motivações de ordem imaterial que geravam os delitos. Parte deste capítulo destina-se a desvendar o funcionamento da justiça civil mineira e a sua inconstante eficácia. Comparando o andamento da justiça civil traçado por Marco Antônio com os trâmites que Luciano Figueiredo narra sobre a justiça eclesiástica mineira veremos que esta última era muito mais ágil em seus julgamentos e execuções das sentenças, se bem que ambas logravam pouco êxito na concretização dos objetivos sociais propostos. O último capítulo desta obra, intitula-se “A vontade da distinção”. Nele encontra-se o confronto de valores entre as práticas estamentais trazidas da sociedade lusa e o complexo quadro da sociedade urbana das Gerais, na qual se fortaleciam cada vez mais os valores ligados ao dinheiro.

Na conclusão, o autor procura destacar as semelhanças e diferenças existentes entre a sociedade mineira do século XVIII e o mundo moderno que o envolvia, explicando os motivos da singularidade das Gerais e de sua cultura.

O Universo do Indistinto possui uma ilustração. Situada na capa do livro, ela retrata um arraial oitocentista de Minas Gerais através de uma pintura feita por Alberto Guignard em 1960. O autor também faz uso de tabelas que ajudam a elucidar algumas questões por ele estudadas. Outro recurso usado são as poesias da época que traduzem o universo mental do homem setecentista mineiro.

Trata-se, portanto, de um exaustivo trabalho de pesquisa no qual o autor mostra a sua vasta erudição como historiador. E se pudéssemos sugerir algo que tornasse esta obra ainda mais rica, diríamos que falta-lhe um estudo comparativo com a realidade cultural vivida pelas sociedades coloniais mineiras de Mato Grosso e Goiás. Porém sabemos que essa pesquisa esbarraria na ausência de uma documentação tão ampla e profunda como a que foi utilizada por Marco Antônio Silveira na elaboração dessa obra da história cultural do Brasil colônia.